



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DA AMAZÔNIA, INTEGRAÇÃO NACIONAL E DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL - CAINDR

REQUERIMENTO Nº DE 2011 (Do Sr. MARCIO BITTAR)

Solicita a realização de audiência pública, com a participação do Delegado Maurício Moscardi, da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Federal no Acre e de representantes do SINDEPOL – Sindicato dos Delegados da Polícia Federal, para debaterem com esta Comissão a entrada no País da nova droga denominada “OXI” e as consequências da redução do orçamento da Polícia Federal para a fiscalização das fronteiras.

Senhor Presidente,

Requeiro que V. Exa. com base no art. 58, § 2º da Constituição Federal e no art. 255 do Regimento Interno que, ouvido o plenário, se digne a adotar as providências necessárias à realização de audiência pública, com a presença do Delegado Maurício Moscardi, da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Federal no Acre e de representantes do SINDEPOL – Sindicato dos Delegados da Polícia Federal, para debaterem, com esta Comissão, a entrada no País da nova droga denominada “OXI” e as consequências da redução do orçamento da Polícia Federal para a fiscalização das fronteiras.

Justificação

A imprensa vem noticiando a entrada no País de uma nova droga, mais letal do que o crack, denominada Oxi, revelando a fragilidade da fiscalização em nossas fronteiras, conforme relatam o Jornal O Globo de 17/4/11:



CÂMARA DOS DEPUTADOS

O GLOBO - 17/04/2011

Uma ameaça devastadora que se espalha pelo país

VIAGEM AO ABISMO

Derivado da cocaína e mais letal que o crack, oxi destrói jovens e até crianças

Carolina Benevides

As ruas de Rio Branco são hoje um retrato da degradação provocada por uma nova droga, mais letal do que o crack, que está se espalhando pelo Brasil: o oxi, um subproduto da cocaína. A droga chegou ao país pelo Acre. Na capital, ao redor do Rio Acre, perto de prédios públicos, no Centro da cidade, nas periferias e em bairros de classe média alta, viciados em oxi perambulam pelas ruas e afirmam: "Não tem bairro onde não se encontre a pedra".

O oxi, abreviação de oxidado, é uma mistura de base livre de cocaína, querosene - ou gasolina, diesel e até solução de bateria -, cal e permanganato de potássio. Como o crack, o oxi é uma pedra, só que branca, e é fumado num cachimbo. A diferença é que é mais barato e mata mais rápido.

A pedra tem 80% de cocaína, enquanto o crack não passa de 40%. O oxi veio da Bolívia e do Peru e entrou no país pelo Acre, a partir dos municípios de Brasiléia e Epitaciolândia. Hoje está em todos os estados da Região Norte, em Goiânia e em Mato Grosso do Sul, no Distrito Federal, em alguns estados do Nordeste e acaba de chegar a São Paulo. No Rio, os primeiros relatos de que a pedra pode ser encontrada na capital também já começaram a aparecer. Mas a polícia ainda não registrou apreensões.

"É um tempo de vida curto"

Estado que faz fronteira com o Peru e a Bolívia - os maiores produtores de cocaína do mundo - e ainda próximo à Colômbia, o Acre há tempos virou rota do tráfico internacional. De uns anos para cá, a facilidade com que a base livre de cocaína cruza as fronteiras fez com que o oxi tomasse conta da capital e de pequenos municípios. A pedra age rápido: viciados dizem que não leva 20 segundos para sentir um "barato" e que em cinco minutos a pessoa já está com vontade de usar de novo. Fumado, geralmente em latas de bebida ou em cachimbos como os que servem para o crack, o oxi tem potencial para viciar logo na primeira vez e é uma droga barata: é vendida em média por R\$5 e até R\$2.

- Quando a Bolívia se tornou produtora, o preço caiu e a cocaína se difundiu no Acre. A realidade é que o oxi é barato, está espalhado por Rio Branco e tem potencial para se espalhar por todo o Brasil, já que a base livre de cocaína está em todos os estados do país e já foi apreendida em todos os lugares. O oxi não precisa de laboratório para ser produzido, e isso facilita a expansão - diz Maurício Moscardi, delegado da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Federal no Acre, que em 2010 apreendeu no estado quase 300 quilos de base livre de cocaína.

- A repressão na cidade não é a prioridade da PF, e sim desarticular organizações criminosas. Até atuamos no tráfico doméstico, mas a base livre de cocaína está em todo lugar e muitos consumidores da droga nem são caso de polícia, mas de saúde pública - diz o delegado José Carlos Calazans, superintendente da PF no Acre.

A Polícia Civil também não atua muito no "tráfico formiguinha". Segundo o corregedor André Luís Monteiro da Silva, o interesse maior passou a ser descobrir a origem da droga:

- Aqui, se você encontrar uma trouxinha de entorpecente, ela te remete ao Peru, à Bolívia e à Colômbia. A nós interessa investigar e chegar ao tráfico internacional. É mais vantajoso para a sociedade que a polícia quebre a corrente, levante os bens dos grupos, trabalhe com inteligência para saber sobre rotas de venda, sobre como o transporte é realizado, que sequestre os bens e prejudique o financiamento do que atue em cada boca de fumo de cada bairro. Até porque quando você prende o último, o primeiro a ser pego já está de volta.

Sem a presença da polícia, quem anda em Rio Branco encontra oxi e outras drogas em bairros tão distantes quanto Vila Acre e Centro, em periferias do 6 de agosto e no elitizado Bosque. Y., de 25 anos, que mora nas imediações da capital, experimentou oxi



CÂMARA DOS DEPUTADOS

semana passada. Foi ao Preventório, conhecido como Papoco, espécie de bairro a uns 15 metros da PF, onde vivem oito mil pessoas e onde todo tipo de droga - oxi, maconha, cocaína, merla - é vendido nas bocadas, as bocas de fumo da região.

Pai de um bebê de pouco mais de um ano, Y. estava atrás de cocaína. Não encontrou, partiu para o oxi e, em menos de uma semana, trocou o vale-transporte por droga, abandonou o emprego, sumiu de casa, pediu dinheiro a parentes e até fez um "corre", gíria para furto. Depois de seis dias usando a pedra e de ter levado duas facadas "numa confusão", Y. jurava que voltaria para casa e ficaria longe das ruas.

- Minha mulher veio atrás de mim, mas não queria que ela me visse. Ela falou muito, disse coisas que não queria ouvir, falou que o bebê pergunta por mim. Nós somos muito agarrados. Mas eu não gostei, fiquei nervoso e aí usei mais oxi e enchi a cara - conta Y., que planejava ir para a universidade. - Estava estudando para fazer vestibular, focado nisso, mas agora...

É também no Preventório que Z., de 17 anos, usa oxi. A adolescente, que já tem filhos, mal consegue falar, pois que usa a droga há tempos. Tem as pontas dos dedos queimados e passa os dias tentando conseguir dinheiro para fumar.

- Não é preciso mais do que um centímetro da pedra para que a pessoa não consiga mais parar de usar. E sempre tem gente nova usando. Oxi causa muito dano, detona. Fizemos uma pesquisa, e os que acompanhamos e abusavam mais, usavam todo dia, não viveram mais do que um ano desde o começo do consumo. É um tempo de vida curto. A pessoa emagrece muito, passa dias sem comer, sem dormir, as cenas são degradantes - conta Alvaro Augusto de Andrade Mendes, pesquisador da Associação de Redução de Danos do Acre (Aredacre) e vice-presidente da Associação Brasileira de Redução de Danos.

A droga é tão pesada que há quem use merla, maconha e cocaína e diga que oxi é "do capeta". Aos 57 anos, X. experimentou por duas vezes. Teve medo de continuar.

- Você se sente muito corajoso. Se misturar com cinza de cigarro, então.... Mas quando quero usar, lembro que quem usa mata sem pensar.

Ao mesmo tempo, é noticiado um corte no orçamento da Polícia Federal para este ano, conforme noticia a Folha de São Paulo, de 18/04/11, o que, sem dúvida, pode trazer consequências irremediáveis ao trabalho de fiscalização das fronteiras:

FOLHA DE SÃO PAULO - 18/04/2011

PF reduz atuação nas fronteiras

Corte no orçamento afeta ações de combate ao tráfico de armas e drogas; ministro nega problemas na fiscalização

O corte no orçamento deste ano da Polícia Federal prejudicou a fiscalização nas fronteiras e as ações de combate ao narcotráfico e ao contrabando de armas, num momento em que o país volta a discutir o controle dos armamentos.

Houve redução do efetivo desde a Amazônia até o Sul, informam Kátia Brasil e Rodrigo Vargas. Pelo menos um posto fronteiro foi desativado, e projetos deverão ser adiados. A diminuição dos gastos ocorre na esteira do contingenciamento no Orçamento da União.

Segundo policiais que atuam em Ponta Porá (MS), na fronteira com o Paraguai, faltam carros, combustível e até coletes à prova de bala.

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse que o corte orçamentário foi necessário "para a estabilidade do país" e negou problemas na fiscalização das fronteiras. A direção da PF não quis falar.

Corte de verba prejudica vigilância das fronteiras

Queda do número de agentes da PF ameaça ações de combate ao narcotráfico

Posto policial é fechado na fronteira com o Peru; em Ponta Porã, agentes federais compram combustível fiado

KÁTIA BRASIL



CÂMARA DOS DEPUTADOS

DE MANAUS

RODRIGO VARGAS

ENVIADO ESPECIAL A PONTA PORÃ

O corte no orçamento da Polícia Federal para este ano afetou a fiscalização em regiões de fronteiras e as ações de combate ao narcotráfico e contrabando de armas.

O dia a dia das operações foi prejudicado devido à suspensão dos gastos com diárias para delegados e agentes, segundo os policiais.

Há relatos de problemas estruturais, como o fechamento de um posto na fronteira com o Peru, e da falta recursos para manutenção de carros, compra de combustíveis e coletes à prova de bala. A redução vem na esteira do contingenciamento no Orçamento da União, determinado por decreto assinado em fevereiro pela presidente Dilma Rousseff.

No Ministério da Justiça, com orçamento previsto de R\$ 4,2 bilhões para 2011, o corte foi de R\$ 1,5 bilhão. Agentes relataram à Folha que os cortes comprometeram a Operação Sentinela, feita com a Força Nacional de Segurança e a Polícia Militar nos Estados. A ação combate crimes como tráfico internacional de drogas, entrada de armas, contrabando e imigração ilegal. Houve redução do efetivo desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul. No Brasil, a atuação da PF nas fronteiras abrange uma linha de 16.399 km. Projetos como o Vant, de fiscalização com um avião não tripulado, devem atrasar. No Pará, uma patrulha que monitorava o rio Amazonas em Óbidos foi retirada.

No Amazonas, o posto de Eirunepé, próximo ao Peru, não está funcionando desde o mês passado. O superintendente da PF no Estado, Sérgio Fontes, disse que na fronteira com a Colômbia e o Peru a Operação Sentinela será levada apenas "até onde der". "O corte foi muito severo."

FIADO

Em Mato Grosso do Sul, a redução no efetivo chegou a 60% nas delegacias da PF de Corumbá e Ponta Porã, na fronteira com o Paraguai. Segundo agentes federais, foram suspensas blitzes preventivas nas rodovias.

Policiais que atuam em Ponta Porã descreveram à Folha um cenário crítico.

Carros estão parados por falta de manutenção e equipes estão comprando combustível fiado. Com o contingenciamento, a maior parte do efetivo vindo de outros Estados teve de deixar a cidade. O sindicato dos policiais diz que a delegacia opera hoje com menos da metade do pessoal em relação a 2010.

Na fronteira do Rio Grande do Sul, outro importante ponto de combate à entrada de armas, também houve redução no número de policiais, segundo os agentes.

"Onde trabalhavam dois agentes, agora tem um", disse Paulo Paes, que preside o sindicato local dos policiais.

Em Porto Mauá e Porto Xavier, há quatro agentes para cobrir 150 km do rio que separa o Estado da Argentina. Centenas de caminhões atravessam diariamente a fronteira, mas na prática o trabalho dos agentes se resume ao controle de migração.

Colaborou GRACILIANO ROCHA, de Porto Alegre

As notícias são graves, pois por um lado, temos a constatação da entrada no Brasil de uma droga tão nociva à saúde e, de outro, o anúncio de cortes no orçamento da Polícia Federal. O debate sobre esse assunto é fundamental para que possamos contribuir para evitar o avanço das drogas em nosso País.

Sala das Sessões, 20 de abril de 2011.

Deputado MÁRCIO BITTAR
PSDB- AC